

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

BLOGUESFERA: UM ESPAÇO POSSÍVEL PELA ALTENÂNCIA
DAS FUNÇÕES AUTOR/LEITOR

Viviane Barriquello Basso
vivibarriquello@yahoo.com.br

Mestre
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Na contemporaneidade digital, tanto o acesso à informação quanto a relação autor/leitor tem passado por reformulações constantes. Levando em conta a teoria da AD, este texto é o resultado de uma pesquisa que ocupa-se, portanto, com o estudo do funcionamento discursivo do *Blog* do Noblat, no período compreendido entre 01 e 29 de outubro de 2006. Em síntese, nossos objetivos centrais buscam compreender: como as regularidades, materializadas na organização do discurso, determinam o sentido e como se dá o movimento do sujeito autor/leitor pela busca de autoria.

A pesquisa, portanto, examina práticas discursivas midiáticas tanto do sujeito-autor quanto do sujeito-leitor tomados como sujeitos atuantes no *blog* em foco. Assim, pôr-se diante de uma mídia caracterizada pelo “pluri”, pela interação e que aparenta dar liberdade ao leitor para selecionar o que ele quer ler, nos fez pensar novos efeitos sobre a autoria, afinal, como entender a construção do efeito-texto, com sua homogeneidade e coerência, quando o mesmo abriga em seu interior *links* que o remetem a outros textos sem marcar materialmente um efeito de fim? Cabe ao autor a função de homogeneização ou ao leitor que pela, seleção de suas leituras, vai modelando, selecionando e construindo um texto “coerente” e com a aparência de sentido único? Propomos a discussão/inquietação nas palavras que seguem.

1. Sujeito-autor no blog jornalístico

O sujeito, ao se inscrever no lugar social de jornalista, está determinado pela mídia, instituição que ele representa, assim como pelo fazer jornalístico a ter a ilusão de imparcialidade e objetividade, são preceitos possíveis de serem alcançados. Assim, nos importa entender o que rege este fazer jornalístico para compreendermos como o lugar social a que pertence este jornalista influencia em sua autoria. Passemos, então, a apresentação das seqüências discursivas:

SD1- [Bons alunos](#)

Da colunista **Renata Lo Petre** na Folha de S. Paulo, hoje:

"Depois de dizer que Geraldo Alckmin privatizaria Petrobras, BB e CEF, a campanha de Lula tenta associar a eventual vitória do tucano a um desastre econômico. Nota assinada pelo coordenador Marco Aurélio Garcia cita entrevista do ex-secretário paulista Yoshiaki Nakano, apresentado como "potencial ministro da Fazenda", e diz que o corte de R\$ 60 bi sugerido por ele "paralisaria a máquina administrativa". As conseqüências, adverte Garcia, seriam a redução de benefícios de idosos, a interrupção do "processo de redução da pobreza e da desigualdade" e a recessão. Em outro boletim, a campanha petista reafirma que Alckmin fará privatizações e cortará o Bolsa Família caso eleito, o que o candidato nega que irá fazer."

(Comentário meu: *Lula foi sempre alvo do terrorismo eleitoral dos seus adversários. Em 1989, Collor disse que Lula, uma vez eleito, confiscaria a poupança. Em 1998, Fernando Henrique sugeriu que o país quebraria se Lula fosse eleito - o país quebrou poucos dias depois da reeleição de Fernando Henrique.*

Em 2002, Serra acenou com o fantasma da Argentina quebrada para tentar derrotar Lula. Dessa vez, é Lula quem faz terrorismo eleitoral contra Ackmin. Ele e o PT aprenderam rapidinho o jogo sujo do poder.) (Enviado por Ricardo Noblat - 10.10.2006 - 3h28m) (sic)

SD2- [FHC vota em Lula](#)

Dois coisas a destacar na pesquisa Sensus que acaba de ser divulgada (veja os números abaixo): * o aumento da vantagem de Lula sobre Alckmin; * o empate técnico na região Sul onde Alckmin venceu com folga no primeiro turno.

Vox Populi, Ibope e Datafolha estão dando a Lula entre 20 a 24 pontos percentuais de vantagem levado-se em conta o total de votos válidos. No comício de encerramento de sua campanha em São Paulo, ontem, Alckmin pediu a Deus que ilumine o espírito dos eleitores e que os faça votar com mais discernimento no próximo domingo. Quer dizer: por discernimento, se entenda votar nele.

A essa altura, de fato só resta a Alckmin apelar para Deus. O mais, ele, Alckmin, fez - bem ou mal feito, mas fez. Esta manhã mesma, ele ainda foi obrigado a negar pela centésima vez que seja favorável à privatização da Petrobrás, do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal. Sim, sem esquecer os Correios e Telégrafos. Para variar, deve ter deixado o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso tiririca. FHC queria ter visto o PSDB em peso e seu candidato a presidente em particular empenhados em defesa de uma das duas principais obras do seu governo - a privatização das estatais. A outra obra foi o real que manietou a inflação. Mas quem era louco de pedir votos e de defender a privatização ao mesmo tempo? Ou uma coisa ou outra. O brasileiro é visceralmente contra a venda do patrimônio nacional. É o que mostram as pesquisas.

Votou em FHC duas vezes por outras razões. Primeira: porque o real melhorou a vida de todo mundo. Segunda: porque o real poderia ir para o brejo caso Lula se elegeisse em 1998. O real começou a ir para o brejo poucas semanas depois da reeleição de FHC. Quatro anos mais tarde, para o brejo foi o PSDB com a eleição de Lula. O maior responsável pela reeleição de Lula será ele mesmo. Depois, FHC. (Enviado por Ricardo Noblat - 26.10.2006 - 14h28m) (sic)

SD3- A leitora que se assina Ana Terra escreveu no espaço de comentário de nota mais abaixo:

"Noblat: já ouvi tantos comentários teus em rádios; não posso crer que você é "lulista"!!"

Não sou, Ana Terra - embora aqui, de tempos em tempos, alguns me apontem como tucano, petista, lulista e até pefelista. Coleciono esses comentários. Eles me divertem, acredite. Fui treinado como jornalista a não agredir os fatos ou a tentar não agredi-los. Quer dizer: a reconhecer os fatos e apresentá-los tal como os vejo. É claro que não sou infalível, ninguém é. É que a política não é uma ciência exata. Mas ela tem sua lógica. (Enviado por Ricardo Noblat - 7.10.2006, 18h11m) (sic)

Buscando entender como este sujeito discursiviza seu dizer em um espaço que é marcado pela linguagem do cotidiano e que requer a aproximação do escritor ao leitor, procuramos observar como se dá o movimento deste sujeito pela busca de autoria. Vamos às particularizações, via análise.

Diferente da linguagem jornalística impressa, em todas as seqüências recortadas, há a regularidade de expressões que circulam na ordem do senso comum. Os saberes da ordem da política são deslocados para a ordem da mídia – no caso o *blog* - e assim são (re) significados. Por isso, adequando-se a uma mídia que requer uma linguagem clara e concisa, o jornalista inclui em seu dizer elementos do discurso que, pelo movimento da memória discursiva, podem ser situados junto ao cotidiano/corriqueiro.

Porém, mesmo com uma escrita informal, este jornalista anseia pela apresentação de uma suposta verdade, pois a construção da identidade do sujeito jornalista está ligada ao campo da ciência, e por isso o estilo marcado e a necessidade de precisão.

Na SD1, em particular, o jornalista recorta parte de um artigo da colunista *Renata Lo Petre* da Folha de S. Paulo, que examina as afirmações de Lula sobre o fato de que Alckmin, se eleito, privatizaria a Petrobrás, o Banco do Brasil e a Caixa Econômica. A partir da aderência ao discurso-outro, o jornalista produz sim gestos de interpretação e passa a acrescentar junto ao discurso-outro comentários, avaliações e conclusões, marcando, com isso, o seu gesto de interpretação e um possível posicionamento. Noblat afirma que em outras eleições Lula é quem era alvo do terrorismo dos adversários, já na campanha atual é ele quem aterroriza, e com isso conclui “*Ele e o PT aprenderam rapidinho o jogo sujo do poder.*” Ou seja, se fizermos um movimento de memória discursiva e nos reportarmos a campanhas anteriores, encontraremos jargões eleitorais do tipo “Lulinha paz e amor”, porém pelo que afirma o blogueiro, na atual campanha, depois de já ter experimentado o poder de uma presidência, Lula abandona este lado honesto, inocente, “paz e amor”, e entra para o jogo sujo de fazer campanha. O que fica marcado não é o fato de outros partidos concorrentes já terem usado da mesma tática de campanha ofensiva, o que de fato fica marcado e produz sentidos é que agora Lula e o PT estão jogando sujo.

Nenhum discurso é único, ele está sempre ligado a já-ditos ou a dizeres que ainda serão proferidos. “Não há discurso que não se relacione com outros. [...] Os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros” (ORLANDI, 1999, p.39). Ou seja, tudo o que é dito por outros sujeitos e em outros lugares significa, também, em nossas palavras, por tudo isso, notemos que junto com esta expressão “*jogo sujo do poder*” algo fala antes, há uma memória ressoando neste dizer que nos aponta para um período da presidência do Brasil que foi marcado por escândalos políticos.

Em 2002, pela primeira vez um partido de esquerda (PT) assume a presidência do Brasil, fato que perturbou a chamada “política de direita” que usufruiu da grande mídia para tentar desacreditar tal governo. Através da mídia vivenciamos notícias e escândalos diversos que envolviam o governo PT, em programas de humor, novela, telejornais, jornal impresso.... Acostumamo-nos, pela maçante repetição midiática, a conviver com o *mensalão*, o *dinheiro na cueca*, o *compra de dossiê* ... O conjunto de todos estes escândalos refletiu-se tanto sobre a imagem de Lula quanto do PT e serviu

para reforçar o senso comum de que a política está ligada à corrupção, de que muitos políticos atuam de forma desonesta, enfim, o PT e, por conseguinte, o Lula não são honestos e no primeiro momento que desfrutaram do poder logo foram aprendendo *o jogo sujo* que circula por este meio. É por isso que afirmamos anteriormente que, no emprego da expressão “*jogo sujo do poder*”, ressoam muitos sentidos que precisam ser recuperados para podermos ter indícios da posição-sujeito a partir da qual este sujeito enuncia.

Neste ressoar de sentidos, que tal expressão resulta, mobilizemos a teoria da AD pensando a constituição do sujeito pela interpelação ideológica, ou seja, tomemos *o trabalho ideológico como um trabalho da memória e do esquecimento, pois é só quando passa para o anonimato que o dizer produz seu efeito de literalidade, a impressão de sentido-lá* (ORLANDI, 1999, p.49). O modo pelo qual os sujeitos são afetados pela ideologia resulta no esquecimento número um. Segundo Pêcheux (1988, p.177), este esquecimento, que é da instância do inconsciente, dá aos sujeitos a ilusão de que eles são a origem/a fonte do que dizem. Ou seja, esse efeito ideológico faz com que os sujeitos esqueçam que a fala do outro também é constitutiva do seu dizer, é assim que “*jogo sujo do poder*” retoma sentidos pré-existentes sem ao menos o sujeito que enuncia ter consciência disso.

A SD2, por sua vez, mantém como regularidade a busca pela precisão apresentando números e principalmente o apoio na voz do outro que possui um discurso de autoridade, ou seja, o jornalista recorre a pesquisas como uma forma de marcar a certeza e a verdade do que está afirmando, e apresenta enunciados do tipo: “*Dois coisas a destacar na pesquisa Sensus que acaba de ser divulgada*”; “*Vox Populi, Ibope e Datafolha estão dando a Lula entre 20 a 24 pontos percentuais de vantagem levado-se em conta o total de votos válidos*”; “*O brasileiro é visceralmente contra a venda do patrimônio nacional. É o que mostram as pesquisas*”.

Mas o que queremos, de fato, destacar na SD2 é o efeito de sentido mais ameno ao posicionamento que o jornalista adotara na SD1. Expliquemo-nos: se na SD1 Noblat fez questão de afirmar que Lula joga sujo e assume uma posição contrária a este candidato, na SD2 Noblat não se mostra tão contrário assim. Refaçamos o processo da constituição dos sentidos: em um primeiro momento, apoiando-se nas pesquisas, Noblat aponta para uma provável vitória de Lula o que leva Alckmin a apelar para Deus em um de seus comícios. No momento seguinte relata o gesto de Alckmin negar que é contra as privatizações. Com isso, apresenta uma divergência partidária entre Alckmin, que se diz contrário às privatizações (jogo eleitoral), e Fernando Henrique Cardoso, a favor. Logo após apresenta os infortúnios do período em que FHC foi presidente. Resumindo: Noblat finaliza seu *post* sem ser contrário a Lula e nem a Alckmin e sim a FHC que não soube administrar bem o Brasil no período que esteve frente à presidência, e assim conclui: “*O maior responsável pela reeleição de Lula será ele mesmo. Depois, FHC.*” Este é um possível efeito de sentido que pode ser apreendido, porém enquanto analista de discurso não podemos nos fixar em um primeiro olhar e nem nos deixar levar pelas aparências.

Recorremos, portanto, para analisar esta seqüência discursiva, a duas noções indispensáveis à AD: a formação ideológica e a formação discursiva, sendo que, no discurso, esta representa aquela; a última é a manifestação da primeira. A formação discursiva, derivada do pensamento foucaultiano e re teorizada por Pêcheux, é a matriz de sentidos que regula o que o sujeito pode e deve dizer, e, também, o que não pode e não deve ser dito. Dizer, este, que muda de sentido, conforme aponta Pêcheux (1997), em função das posições sustentadas por aqueles que o proferem, por isto que se dizer contra as privatizações de dentro da FD de Alckmin não tem o mesmo sentido que tem na FD de Lula. Ou seja, são as formações ideológicas que determinam os sentidos. Assim pois, destacamos ainda que em nenhum momento Noblat deposita o fracasso eleitoral no candidato Alckmin, há de se achar outro culpado, ou seja, Fernando Henrique Cardoso, afinal, segundo o próprio jornalista, Alckmin “*fez - bem ou mal feito, mas fez*”. Depositar em Alckmin o fracasso eleitoral seria ir de encontro com o seu posicionamento, pois é o que chamamos de *o que não pode e não deve ser dito*. Desta forma, mesmo com o esforço para se mostrar imparcial, temos indícios marcados de tal posicionamento e também, a marca da heterogeneidade constituinte da FD.

Na SD3 tem-se a tentativa, mesmo que inconsciente, do sujeito se definir como “*Fui **treinado** como jornalista a não agredir os fatos ou a tentar não agredi-los. Quer dizer: a reconhecer os fatos e apresentá-los tal como os vejo.*” ou seja, a busca pela imparcialidade é tamanha que nas academias se “treinam” jornalistas para não exporem posicionamentos, afinal, a busca pela verdade, o fato como ele é, a objetividade ... proporcionam um efeito de credibilidade. Podemos perceber que este discurso faz parte das *relações de força* pelo modo como as condições de produção se estabelecem. Em outras palavras: segundo as relações de força, o lugar social do qual falamos marca o discurso com a força da locução que este lugar representa. Assim, o lugar do jornalista tem sua força na relação de interlocução e isto se representa nas posições-sujeito. Por isso, afirmamos que pelo funcionamento do esquecimento este jornalista é levado não só a afirmar como também a acreditar que quando materializa um discurso, em nível de intradiscurso, ele consegue não se posicionar, quando na verdade, não há posições neutras, elas estão carregadas do poder que as constitui em suas relações de força.

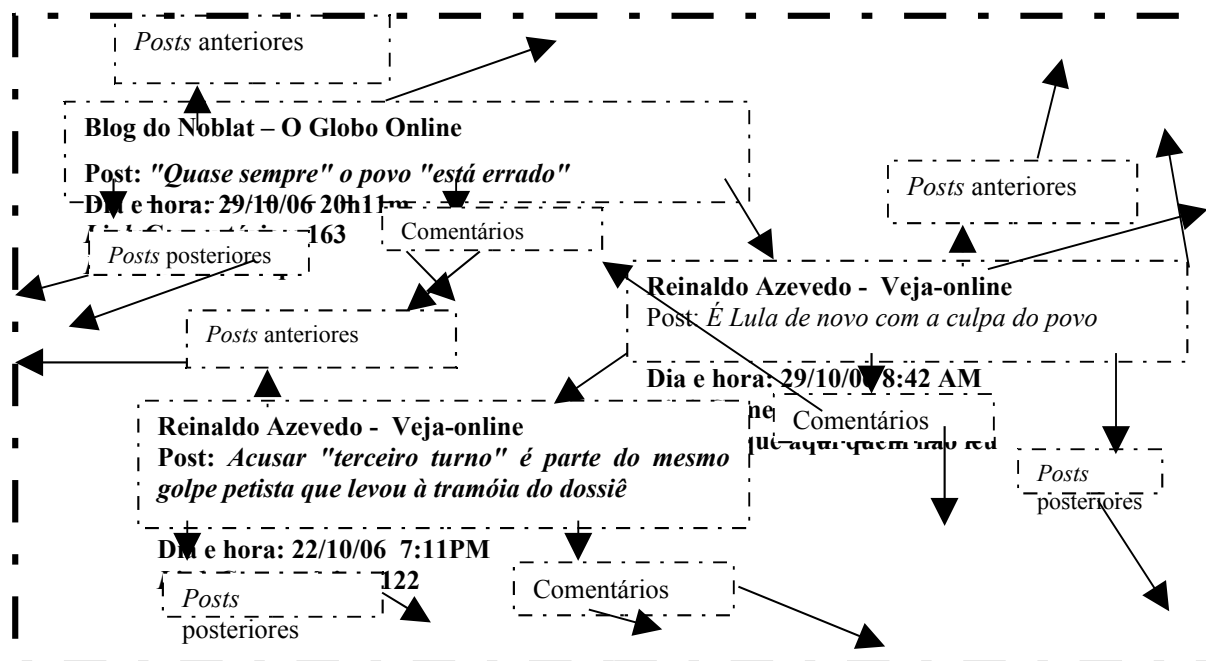
Assim, imparcialidade, isenção, neutralidade, objetividade, precisão, todos são princípios almejados por jornalistas, porém impossíveis de serem alcançados. Afinal, como a Análise do Discurso postula, todo indivíduo é interpelado pela ideologia, e disso não podem escapar os jornalistas, e é pela língua que os sujeitos mostram quem são, invariavelmente.

2. Autoria pelo viés do leitor

Tanto o texto quanto o discurso são constituídos fortemente pelo heterogêneo. Noblat une em um mesmo espaço vozes de diferentes posições, seja de outros colonistas, leitores enfim, assume a função de autoria pela “costura” das vozes. Mas nem sempre esta costura é limpa e plana, no hipertexto o sujeito se submete aos *links* e isso faz os fios ficarem expostos e deixarem a costura cheia

de pontas. Neste momento, inicia-se a costura inversa, onde quem irá dar forma ao novo “corpo textual” será o leitor através do seu percurso de leitura.

Tamanha é a importância do leitor para o *blog* que o blogueiro mascara sua posição para abrir espaço para o leitor construir o texto, pois através do espaço reservado aos comentários a materialidade textual se torna dispersa e inacabada, ou seja, a cada novo comentário há um novo texto que se une ao *post* lançado pelo blogueiro e intensifica a impressão do texto sem fronteiras, sem limites.



O quadro anterior representa a teia discursiva criada pelo blogueiro e leitor constituída por um *post* de referência. Nota-se que este é um olhar entre tantos que poderiam ser feitos, já que os *links* favorecem a quebra das barreiras textuais, e proporcionam caminhos diversos. No quadro, em questão, pretendemos demonstrar o movimento textual possível diante da seqüência de *linkagens* de um *post*. Nota-se que as barreiras são instáveis, alguns textos se entrecruzam, outros têm continuidade a partir de *links*, já outros caem na pontuação da finitude ou, então, se perdem na dispersão. A cada olhar e a cada caminho diferente um novo texto se forma, e esta construção textual também é mérito do leitor.

Considerações finais

Ao analisar o Blog do Noblat evidenciamos que o blogueiro ao assumir a função-autor une em um mesmo espaço vozes anônimas e vozes marcadas. Anônimas por serem opiniões cuja origem não pode ser apreendida, são construções dispersas no interdiscurso, já outras são marcadas e fazem pontes intertextuais a partir de *links*. Assim, o blogueiro ao inscrever-se na função de autoria do *blog* e ao assumir a função de “costurar” as vozes, o faz pelo “lado avesso”, afinal, o *link*, neste espaço hipertextual funciona como fio exposto que deixa a trama com pontas aparentes. Não se pode

apreender com exatidão a marca de início ou fim. Só quem pode estabelecer este efeito é o leitor, que a cada gesto de leitura constrói e desconstrói as bordas textuais.

É a partir do processo constante de deslinearização textual, desconstrução e re-construção de um novo efeito-texto que o *blog* se constitui, eminentemente, pela simultaneidade, onde o efeito de autoria se torna fugaz, pois os sentidos se fazem e se desfazem simultaneamente a cada atualização de leitura.

Bibliografia

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

_____. Análise automática do discurso. In: GADET, F. e HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.